
BEFORE
MEMORY
ARRIVES
FERDINANDO FREGA

ANTES QUE A MEMÓRIA CHEGUE

The Art of Attraction · 08

Quando uma criança nasce, a primeira coisa que todos olham são os olhos.

Nós nos debruçamos sobre o berço, chegamos mais perto, procuramos uma cor.

Serão os da mãe?

Serão os do pai?

Então um médico, ou uma enfermeira, chega e diz aquilo que ninguém quer ouvir: que a cor ainda não existe. Que no começo ela é quase igual para todos. Um cinza, um azul desbotado, a cor de quem ainda não viu nada.

Porque é assim.

No começo da vida, o olhar é universal.

É vazio.

E leva meses para se encher.

A íris trabalha devagar. Deposita um pouco de castanho, um pouco de verde, um pouco de preto. Como se o corpo esperasse entender qual mundo vai ter que olhar antes de decidir com quais olhos vai olhá-lo.

Sempre pensei que depois não é tão diferente.

Continuamos nascendo com aquele olhar vazio.

E passamos o resto do nosso tempo enchendo-o.

Cada experiência deixa um rastro.

Cada alegria acrescenta uma nuance.

Cada dor acrescenta outra.

E assim, sem que percebamos, os olhos deixam de ser apenas uma parte do corpo e se tornam um arquivo.

Uma memória silenciosa.

Então chega o momento em que nos damos conta de uma verdade simples e cruel: muitas vezes só vemos as pessoas de verdade quando já não podemos mais olhar para elas.

E é aí que a memória nos leva de volta.

A uma frase não dita.

A um telefonema adiado.

A uma visita que poderíamos ter feito.

A um abraço que demos como certo.

Não, eu não enlouqueci.

“Tenha um pouco mais de paciência, leitor, e acompanhe o meu raciocínio.”

Quantas vezes pensamos em quem se foi, e nas coisas que gostaríamos de ter dito ou feito?

Aconteceu com todo mundo.

E vai acontecer de novo.

Se hoje eu pudesse falar com alguém que não está mais aqui, escolheria meu pai, minha mãe, meus avós, minha irmã, um amigo próximo.

E começaria sempre do mesmo jeito.

Eu diria:

“Me perdoe se não lhe dei o tempo que você merecia.

Me perdoe se continuei correndo atrás das minhas urgências, dos meus objetivos, do meu egoísmo de todos os dias, sem entender que um dia eu também percorreria a mesma estrada que você.”

Então a mente viaja ainda mais longe.

Atravessa os séculos.

Eu gostaria de encontrar Jesus, não para lhe fazer perguntas, mas simplesmente para ouvi-lo.

Eu gostaria de encontrar Galileu Galilei, Einstein, Maquiavel, Michelangelo, Dante Alighieri, Padre Pio de Pietrelcina, Kipling, John Fitzgerald Kennedy — e o verdureiro lá de baixo, junto com o dono da taberna de vinhos.

E depois, quase como por encanto, eu gostaria de ouvir todas as mulheres do mundo.

Sem distinção.

Porque cada uma delas teria algo diferente para contar.

Uma perspectiva diferente.

Uma história diferente.

Uma verdade diferente.

E, no entanto, voltando com os pés bem firmes no chão, chego a um paralelo que me parece bonito.

Se tudo o que criamos, tudo o que acreditamos ter valor, tudo o que poderia deixar algo para os outros, não é compartilhado com as pessoas a tempo, então acontece sempre a mesma coisa.

Chega o dia em que alguém vai dizer:

“Que pena. Eu teria gostado de conhecê-lo.”

“Que pena. Eu teria gostado de ouvi-lo.”

“Que pena. Eu teria gostado de saber o que ele pensava.”

Mas a responsabilidade pelo que não é visto nunca é só de quem cria.

Muitas vezes é de quem não o mostra a tempo — e aqui, como sempre, as mulheres são mestras: elas sabem se fazer ver.

E é de quem decide o que é visto: a web. Se o Google não lhe dá visibilidade, ninguém lê você — a não ser que você pague.

De quem não permite que as pessoas percebam o que está acontecendo bem diante dos seus olhos.

Porque a memória quase sempre chega depois.

O olhar, ao contrário, quando temos sorte, chega a tempo.

Ferdinando